

**Imaginários urbanos, cidade e território: As representações sobre as ruas Voluntários da Pátria e Farrapos em Porto Alegre/RS (Brasil)**

**Urban imaginaries, city and territory: The representations on the streets Voluntários da Pátria and Farrapos in Porto Alegre/RS (Brazil)**

Enviado em: 07-09-2025

Aceito em: 13-01-2026

**Ana Maria Giovanoni Fornos<sup>1</sup>**

**Valdir José Morigi<sup>2</sup>**

**Luis Fernando Massoni<sup>3</sup>**

**Resumo**

O artigo é um recorte do projeto “Porto Alegre Imaginada Digital”, que estuda a percepção dos moradores da cidade sobre aspectos culturais, econômicos, sociais e de infraestrutura. Analisa as representações dos cidadãos sobre duas vias públicas, Voluntários da Pátria e Farrapos, lugares significativos da cidade. Apresenta o referencial teórico-metodológico dos imaginários urbanos, proposto por Armando Silva. Realiza análise descritiva e comparativa a partir dos resultados alcançados pelo questionário aplicado, as informações oficiais, e as imagens e os comentários divulgados/compartilhados na rede social Facebook, grupo público “Porto Alegre é demais - Fotos (Oficial)”. Conclui que as duas vias públicas, Voluntários da Pátria e Farrapos e seus entornos, na porção localizada entre os bairros Centro Histórico e Floresta, são citadas na pesquisa e no imaginário urbano associadas à prostituição e a ambientes decadentes, degradados, sujos, perigosos e violentos.

**Palavras-chave:** cidade e memória; imaginário urbano; Porto Alegre.

**Abstract**

---

<sup>1</sup> Professora aposentada da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre. Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e em Educação Física pelo Centro Universitário Metodista – IPA. E-mail: anagiovanonifornos@gmail.com

<sup>2</sup> Professor Titular aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). e-mail: valdir.morigi2@gmail.com

<sup>3</sup> Professor do Instituto de Ciência da Informação (ICI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutor em Comunicação e Informação (PPGCOM/UFRGS), bacharel em Biblioteconomia e em Museologia (UFRGS). E-mail: luisfernandomassoni@gmail.com

The article is an excerpt from the project "Porto Alegre Imaginada Digital", which studies the perception of the city's residents about cultural, economic, social and infrastructure aspects. It analyzes the citizens' representations of two streets, Voluntários da Pátria and Farrapos, significant places in the city. It presents the theoretical-methodological framework of urban imaginaries, proposed by Armando Silva. It performs a descriptive and comparative analysis based on the results achieved by the questionnaire applied, the official information, and the images and comments disseminated/shared on the social network Facebook, public group "Porto Alegre is too much - Photos (Official)". It concludes that the two streets, Voluntários da Pátria and Farrapos and their surroundings, in the portion located between the Centro Histórico and Floresta neighborhoods, are mentioned in the research and in the urban imaginary associated with prostitution and decadent, degraded, dirty, dangerous and violent environments.

**Keywords:** city and memory; urban imaginary; Porto Alegre.

## Introdução

Trata-se aqui de um recorte do projeto de pesquisa "Porto Alegre Imaginada Digital", coordenado pelo professor colombiano Armando Silva, que faz parte de uma nova fase do Projeto internacional "Cidades e comunidades latinas imaginadas no mundo", tendo como novo foco as plataformas digitais. Esta fase do Projeto intitulado "Cidades e comunidades latinas imaginadas na era digital" conta com a participação de aproximadamente 40 cidades, envolvendo diversos países latino-americanos, como Argentina, Colômbia, Chile, Uruguai, Peru, Bolívia, Cuba, Equador, Costa Rica e México, além do Canadá. Do Brasil, fazem parte da pesquisa as cidades de São Paulo (SP), Santo Amaro (SP), Brasília (DF), Curitiba (PR) e Porto Alegre (RS).

O referencial teórico e a metodologia utilizados na realização da pesquisa "Imaginários Urbanos" foram mantidos, adaptando-os à contemporaneidade. O novo foco recai sobre os formatos digitais e as projeções algébricas das bases de dados a partir das quais se podem levantar hipóteses sobre os usos e as preferências de objetos urbanos (ruas, praças, monumentos, prédios, cores, cheiros etc.) associados à afetividade de seus cidadãos.

O projeto "Porto Alegre Imaginada Digital" objetiva registrar a cidade subjetiva, tentando compreender como se constroem o mapa afetivo e as memórias sociais sobre a cidade. Em outras palavras, entender como os cidadãos, a partir de suas representações, constroem os imaginários sobre a cidade. Armando Silva (2004) desenvolve um caminho metodológico para interpretar os imaginários urbanos, que

são formados a partir de opiniões, conceitos, imagens, percepções, isto é, um olhar sobre o espaço urbano. Para proceder com o estudo, aplicou-se um questionário com questões agrupadas em três eixos:

- a) **cidade:** em seu sentido material e histórico (cidade física) cujo objetivo é revelar, em cada cidade, suas qualidades identificadoras (seriam as informações oficiais que se tem sobre a cidade);
- b) **cidadãos:** modos de construir realidades urbanas pela perspectiva dos cidadãos como criadores da realidade social desde seu próprio “uso” e construção social da cidade;
- c) **outridades (percepção dos outros):** como nos imaginam os outros e nós em relação a eles, quando se tratam de pessoas de fora.

O questionário da pesquisa foi elaborado digitalmente e aplicado simultaneamente nos meses de abril e maio de 2022 ao conjunto de cidades que participam do estudo. Seus resultados possibilitaram esboçar como se configura a “percepção cidadã”, os “estilos e modalidades cidadãs” em relação à forma de ver a cidade. O instrumento, composto de 92 questões de natureza objetiva e subjetiva, foi aplicado em uma amostra da população, considerando gênero, faixa etária e nível socioeconômico (alto, médio e baixo<sup>4</sup>), através de um endereço eletrônico que remetia as respostas dos cidadãos para uma plataforma *online* criada pela coordenação geral do projeto. Em Porto Alegre, o questionário foi aplicado a 160 cidadãos que vivem na cidade.

O presente artigo tem como objetivo analisar os componentes simbólicos associados aos lugares públicos da cidade a partir das representações dos cidadãos sobre as vias públicas Voluntários da Pátria e Farrapos, de Porto Alegre. Interessa-nos identificar as representações construídas sobre o território onde transitam e circulam uma variedade de sujeitos sociais no seu cotidiano e porque essas duas vias possuem uma importância histórica na origem e no desenvolvimento de Porto Alegre. Para o estudo, tomamos os dados do questionário aplicado, comparando com as informações oficiais, as postagens fotográficas e os comentários sobre os lugares da cidade

<sup>4</sup> Foi utilizado o Critério Brasil de classificação socioeconômica. Para mais informações, ver em <https://www.abep.org/criterio-brasil>. Acesso em: 10 set. 2022.

compartilhados pelos membros que participam do grupo “Porto Alegre é Demais – Fotos (Oficial)” do Facebook. É uma análise descritiva e comparativa, a partir da qual é possível verificar como se configura a cidade imaginada pelos porto-alegrenses.

Desse modo, levantamos as seguintes questões: como as vias públicas Voluntários da Pátria e Farrapos são representadas pelos porto-alegrenses? Como esses lugares públicos da cidade são imaginados pelos cidadãos? Quais narrativas sobre tais lugares circulam através das postagens compartilhadas pelo grupo “Porto Alegre é Demais – Fotos (Oficial)” do Facebook? O estudo mostra, através da análise de um território, como a cidade é marcada pelos cidadãos. Os cidadãos marcam sua cidade, classificando-a e qualificando-a, construindo uma representação social de significativa concentração simbólica.

### **Os imaginários urbanos e o território da cidade**

A cidade é um território habitado, transitado, padecido, desfrutado e interpretado. Por meio de seus lugares, podemos perceber aromas, sons, texturas e imagens, que se traduzem em emoções, sensações e sentimentos, os quais inicialmente se tornam imagens e, posteriormente, atitudes. Sofremos ou desfrutamos os ambientes nos quais circulamos e construímos, damos sentido e funcionalidade, tornamos nossos ou os repudiamos. É deste modo que usamos o território para apoiar nossas ações e relações.

Como categoria de análise, os imaginários urbanos nos permitem abordar a vida urbana a partir do ponto de vista cultural, bem como das produções materiais e simbólicas que dele derivam. Fundamentamo-nos na perspectiva teórica de Armando Silva (1992; 2001; 2006), ao se referir aos “imaginários”, assim os definindo:

Eles governam o comportamento social, identificam comunidades, geram batalhas entre seguidores das mesmas causas, vislumbram o futuro. Têm em comum o fato de serem fantasias cidadãs nascidas no calor do contato total e, pouco a pouco, tornarem-se fato público, conhecimento social reconhecido. A cidade - a partir dessas visões - torna-se um efeito imaginário de seus cidadãos<sup>5</sup> (SILVA, 2006, p. 43-44, tradução nossa).

<sup>5</sup> Rigen comportamientos sociales, identifican comunidades, generan batallas entre seguidores de las mismas causas, vislumbran el futuro. Poseen en común el ser fantasías ciudadanas nacidas al calor de la fricción total y, poco a poco se convierten en hecho público, en saber social reconocido. La ciudad – desde estas visiones-pasa a ser un efecto imaginario de sus ciudadanos.

Para o autor, os imaginários urbanos não possuem o propósito de discorrer sobre um espaço físico, mas algo mais abstrato que tem relação com o uso, a interiorização, as vivências e as apropriações do território no espaço urbano por parte dos cidadãos, dentro de um propósito de comunicação social. Ou seja, estudar a urbe “[...] como o lugar do acontecimento cultural e como cenário de um efeito imaginário” (SILVA, 2001, p. 23). A questão que move seu propósito teórico-metodológico é: o que é ser urbano nas nossas sociedades na América Latina? Silva (2001) segue sua análise a partir da ideia-chave de que o urbano também deve ser analisado pela perspectiva imaginária e simbólica. O imaginário de uma cidade é construído a partir de seus habitantes, indo além do território físico.

Nessa perspectiva, a construção imaginária do que representa a cidade responde por condições físicas naturais e construídas, por modalidades de expressões e por um tipo de cidadãos em relação a contextos nacionais, continentais e internacionais. Portanto, o que diferencia uma cidade da outra não é somente sua arquitetura, mas “[...] os símbolos que seus próprios habitantes constroem para representá-la” (SILVA, 2001, p. 26). As relações dos usos e das apropriações dos espaços territoriais da cidade pelos grupos sociais que a habitam, não só a percorrem, senão dialogicamente interferem na sua reconstrução como imagem urbana. A partir dessas premissas, Silva (2001) desenvolve um conjunto de indicações para interpretar os imaginários urbanos. O olhar sobre o urbano é apoiado em três grandes categorias: a cidade vista, a cidade marcada e a cidade imaginada.

A **cidade vista** são as imagens da cidade, que são frutos da interação dos seus habitantes com os espaços, surgindo daí o “ponto de vista cidadão”, que o autor define como “[...] uma série de estratégias discursivas por meio das quais os cidadãos narram as histórias de sua cidade, mesmo quando tais relatos possam, igualmente, ser representados em imagens visuais” (SILVA, 2001, p. 9). Para Silva (2001), a soma de muitos pontos de vistas inclui a leitura simbólica que se faz da cidade e quando podem ser projetados por grupos sociais ou marcadores sociais da diferença, como classe social, gênero, idade etc., observamos formas dominantes de percepção cidadã. Assim, os conjuntos iconográficos de uma cidade cumprem duas funções: “a cidade é vista por seus cidadãos [...], mas estes também são recebidos e inscritos na própria cidade” (SILVA, 2001, p. 13).

A **cidade marcada** é delimitada a partir de seus territórios. Para introduzir a análise da apropriação do território por seus habitantes, Silva (2001, p. 20-22) afirma que:

O território, como marca de habitação de uma pessoa ou grupo, que pode ser nomeado e percorrido física ou mentalmente, necessita, portanto, de operações linguísticas e visuais, entre seus principais suportes. O território é nomeado, mostrado ou materializado numa imagem, num conjunto de operações simbólicas em que, pela sua própria natureza, situa os seus conteúdos e marca os seus limites. [...]. O território na sua manifestação diferencial é um espaço vivido, marcado e assim reconhecido na sua variada e rica simbologia.

Dessa forma, o território é um espaço (ainda que imaginário) onde convivemos com os nossos, onde as lembranças do passado e as evocações do futuro nos permitem nomeá-lo com certos limites geográficos e simbólicos. É assim que “[...] uma nova noção de território pode ser mantida se o entendermos como um terreno afetivo a partir do qual vejo o mundo como suporte imaginário” (SILVA, 2001, p. 26). O território, como aqui concebido, é a expressão das múltiplas narrativas, de diferentes comportamentos e de formas de reunião onde agrupamentos de homens e de mulheres tem a possibilidade de se evadir ou não dos enquadramentos sociais.

Por fim, a **cidade imaginada** é aquela construída a partir das representações evocadas da cidade, os imaginários urbanos. Segundo Silva (2001, p. 47, grifo do autor), na percepção da cidade há um processo seletivo e de reconhecimento que constrói o “objeto simbólico” chamado cidade e “[...] *em todo o símbolo ou simbolismo subsiste um componente imaginário*” e o autor sustenta que a “[...] *percepção imaginária corresponde a um nível superior de percepção*.”

Portanto, ao definir a percepção imaginária, Silva (2001) não o faz pensando em ser “verdadeira” ou não, ou ser uma imagem prevista ou não pelo narrador, mas na medida em que a percepção incide sobre os cidadãos da urbe, é afetada pelos cruzamentos fantasiosos da sua construção social em narrativas urbanas. Consequentemente, o imaginário contamina e orienta nossas percepções e afeta as narrativas construídas sobre o cotidiano do urbano. Conforme o autor, “[...] a fabulação, o segredo, a mentira, constituem, entre outras, três estratégias na narração do ser urbano. Os relatos urbanos focalizam a cidade, gerando diferentes pontos de vista” (SILVA, 2001, p. 50).

Segundo Silva (2019, p. 2, tradução nossa), “o mundo real está se tornando cada vez mais imaginado e menos físico”<sup>6</sup>. Ou seja, o autor entende que, com as mídias sociais, as interações virtuais, os formatos digitais e os artifícios da inteligência artificial, estamos cada vez mais sujeitos a perceber o mundo sob uma pressão imaginária maior. Nossos entornos, em boa parte, não são objetos palpáveis ou comprovados materialmente. Assim, põe ênfase na relação entre “o imaginado” e “o digital”, observando que as redes e a sua conectividade levam a modos de pensamento e maneiras de operar sobre o real que fortalecem o paradigma do imaginário como agente construtor de realidades.

Nesta perspectiva, a cidade imaginada é construída a partir do espaço imaginado. Lembramos que existe uma distinção entre a cidade e o urbano. Enquanto a cidade reporta a couraça física, no urbano são colocadas “as mentalidades cidadãs”, as formas como a cidade é usada e vivida. A cidade não é somente um ambiente com determinado ordenamento físico, é o registro de pessoas onde se constroem as identidades e as representações sobre os seus lugares territoriais. A cidade nunca está construída, ao contrário, é um ambiente sociocultural em processo contínuo de construção e reconstrução através das ações e dos gestos cotidianos de seus cidadãos.

Na contemporaneidade, a vida na cidade está ligada ao urbano, um ambiente conformado pela tecnologia e pela técnica. A cidade é o lugar das relações entre grupos manifestadas pelos processos comunicativos e pela emergência das tecnologias de informação e comunicação (SANTOS, 2002).

Esta realidade pode ser percebida se considerarmos que as mídias sociais e as mensagens eletrônicas, além de inúmeros aplicativos, estabelecem um fluxo de informações e interações em tempo real por meio da *internet*, que atinge o dia-dia das pessoas, demonstrando o alargamento das mudanças quanto ao conceito de espaço urbano. Observamos que, para além da aparência física, do endereço e da localização, das histórias das avenidas, das ruas e dos prédios, o local se insere em uma nova totalidade que engendra um novo lugar. Assim, cada vez mais, é possível perceber o caráter “translocal” das cidades, pois elas são uma intersecção de diferentes redes que ganham no espaço urbano uma nova dimensão e significado (LIMONAD; RANDOLPH, 2001, p. 12). Desse modo, os lugares não são localidades,

<sup>6</sup> El mundo real es cada vez más imaginado y menos físico.

nem pontos, sítios ou locais, pois seu caráter é, sobretudo, simbólico, construído através de representações. “O lugar - e suas representações são inseparáveis, na medida em que o lugar/a cidade é tanto o objeto como o produto de práticas significativas, discursos e imagens que lhe conferem legibilidade” (LIMONAD; RANDOLPH, 2001, p. 14-15).

A partir desses referenciais que norteiam o projeto “Porto Alegre Imaginada Digital”, analisamos as representações sobre duas vias públicas importantes da cidade de Porto Alegre: Voluntários da Pátria e Farrapos. Para isso, tomamos as informações oficiais sobre a cidade e estas vias, adicionando os resultados do questionário aplicado, comparando com as postagens fotográficas e os comentários sobre esses lugares da cidade compartilhados pelos membros que participam do grupo “Porto Alegre é Demais – Fotos (Oficial)” do Facebook. Desta forma, é possível compreender como se constroem e reconstruem as narrativas sobre os espaços imaginários da cidade.

### **As narrativas dos porto-alegrenses sobre os lugares públicos em Porto Alegre**

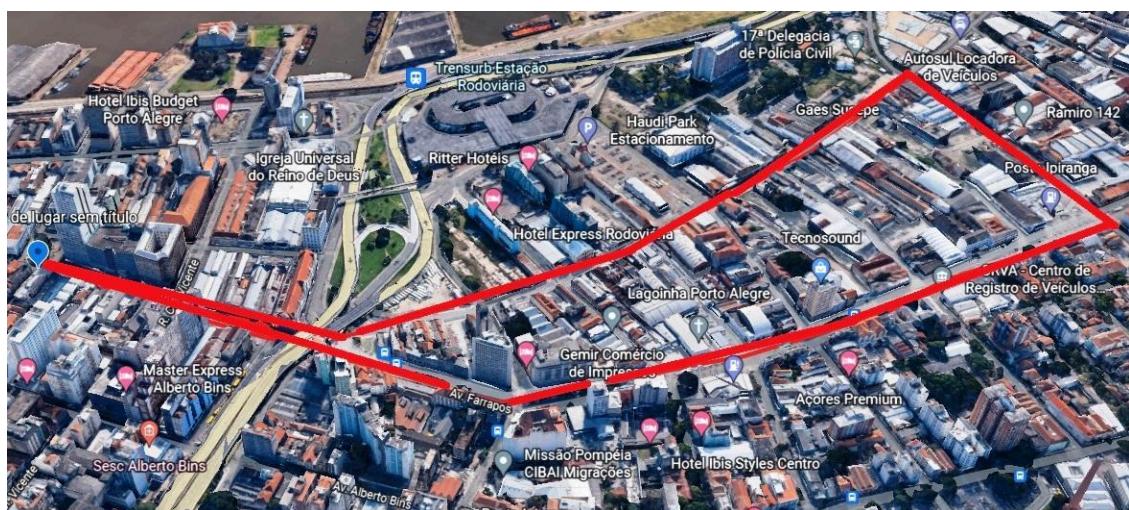
A cidade de Porto Alegre localiza-se na região sul do Brasil, no estado do Rio Grande do Sul, sendo sua capital. Tem como data oficial de fundação 26 de março de 1772, com a criação da freguesia de São Francisco do Porto dos Casais. Seu povoamento começou em 1752, com a chegada de 60 casais açorianos. Contudo, antes disso, sobre uma ocupação indígena, suas terras foram divididas em três sesmarias no século XVIII (PORTO ALEGRE, [202?]). Sobre o fato, Oliveira (2010, p. 20) enfatiza: “[...] na constituição de seu imaginário, Porto Alegre esquece e lembra. Comemora seu aniversário lembrando a presença açoriana esquecendo a ancestral – e teimosa – presença indígena”.

A cidade é atualmente composta de 94 bairros oficiais, com uma área total de 495,390 Km<sup>2</sup>, com uma densidade demográfica estimada de 3.012,84 habitantes por Km<sup>2</sup>, sendo a estimativa da população em 2021, segundo o IBGE, de 1.409.351 habitantes, sendo que 79,23% são brancos, 20,24% negros (pretos e pardos), 0,29% amarelos e 0,23% indígenas; destes, 53,61% são mulheres e 46,33% são homens. A área de Porto Alegre é um ponto de encontro de distintos sistemas naturais: um anel de morros graníticos que emoldura a região da planície, o Lago Guaíba que contorna a

cidade numa extensão de 72 km de orla fluvial e um conjunto de 16 ilhas do referido Lago (OBSERVATÓRIO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE, 2022).

Neste estudo, focalizaremos a porção localizada entre os bairros Floresta e Centro Histórico, no eixo compreendido nas fronteiras da Avenida Farrapos e a Rua Voluntários da Pátria, principalmente entre a Avenida Ramiro Barcelos, o Viaduto da Conceição e a Rua Pinto Bandeira. A Figura 1 abaixo ilustra a delimitação desta área:

Figura 1 - Fronteiras das Avenidas Farrapos e Voluntários da Pátria (PoA).



Fonte: Imagem captada no GoogleEarth, 25 ago. 2022.

No questionário da pesquisa, as perguntas que se referem às qualificações urbanas são avaliações indicativas dos cidadãos sobre sua cidade, tanto positivas como negativas, e incluem indagações como: uma rua ou local com melhor cheiro ou mais desagradável, mais suja ou limpa, mais perigosa ou tranquila, mais triste ou alegre etc. Observando a Tabela 1, verificamos como os participantes qualificam o território do estudo - o eixo compreendido nas fronteiras da Avenida Farrapos e a Rua Voluntários da Pátria, ou seja, as formas como estes lugares são marcados pelos cidadãos. Identificamos que as vias ou locais do estudo não são citadas quando as perguntas se referem às qualificações positivas.

Tabela 1 - Qualificações urbanas.

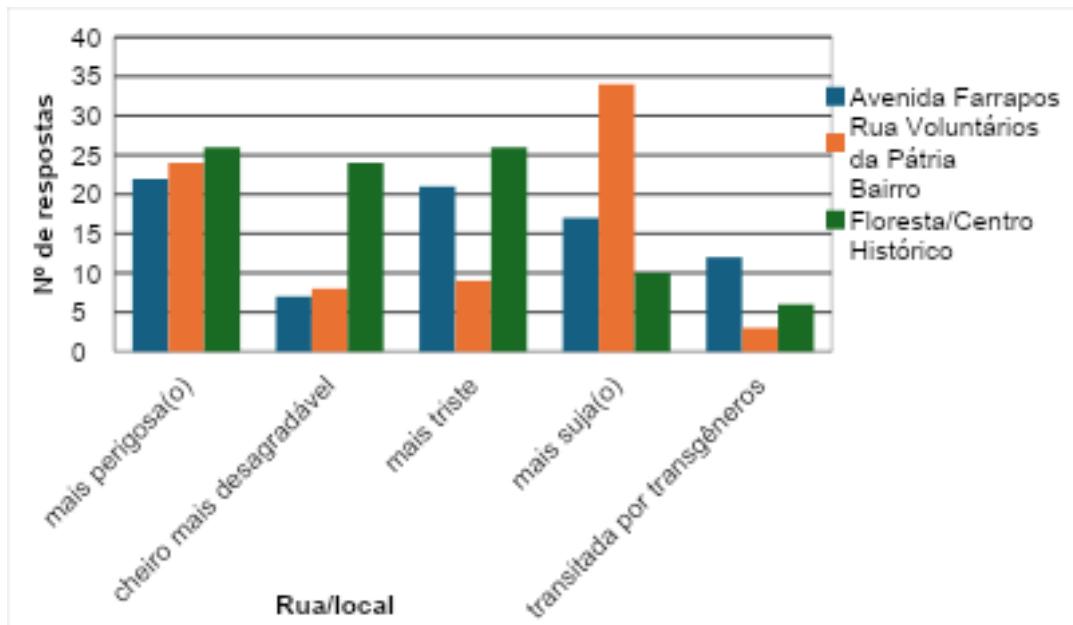
PERGUNTAS	RUAS/LOCAIS MAIS CITADOS			
	Avenida Farrapos	Rua Voluntários da Pátria	Bairro Floresta/ Centro Histórico	%
Rua/local mais perigosa(o)?	22 respostas	24 respostas	26 respostas	45%
Rua/Local com cheiro mais desagradável?	7 respostas	8 respostas	24 respostas	24%
Rua/local mais triste	21 respostas	9 respostas	26 respostas	35%
Rua/local mais suja(o)	17 respostas	34 respostas	10 respostas	38%
Rua/local mais transitada(o) por transgêneros	12 respostas	3 respostas	6 respostas	13%

Fonte: dados da pesquisa.

Ao observar o Gráfico 1, podemos perceber que a Rua Voluntários da Pátria foi a mais citada quanto à rua mais suja, porém isto não a qualifica como a rua mais triste, onde a Avenida Farrapos é a mais citada, ou com cheiro mais desagradável, cujas respostas se concentram ao conjunto do trajeto do estudo. Identificamos que o território do estudo é uma representação social de significativa concentração simbólica<sup>7</sup>, desde o ponto de vista dos cidadãos.

<sup>7</sup> Para análise dos dados do questionário de acordo com a metodologia de Armando Silva, as referências para identificar emblemas, de acordo com % de respostas, são: • Menos de 10%: dados residuais • Entre 10 e 30%: dados significativos • Entre 30 e 50%: muito significativos • Mais de 50%: emblemas.

Gráfico 1 - Qualificações urbanas.



Fonte: dados da pesquisa.

Importante destacar também, nos dados da pesquisa, que as regiões estudadas neste artigo também são as mais lembradas quando questionamos qual rua ou local da cidade é mais transitada(o) por transgêneros. Esse dado aponta uma forte conotação negativa atribuída à presença dessas pessoas, enquanto personagens da região tida como mais perigosa, suja, triste e com cheiro mais desagradável da cidade.

Deste modo, após identificar os dados apresentados acima, analisamos as representações sobre tais territórios, a partir das narrativas que circulam nas postagens compartilhadas pelo grupo “Porto Alegre é Demais – Fotos (Oficial)” do Facebook. Neste estudo, a coleção de fotografias e os comentários dos participantes disponibilizados pelo grupo são entendidos como narrativas construídas sobre a cidade de Porto Alegre.

Para análise, elegemos as fotografias e os respectivos comentários do grupo referido relativos às vias públicas Voluntários da Pátria e Farrapos (e seus entornos). Extraímos uma imagem de cada uma das vias e seus respectivos comentários, cujos critérios foram: fotografia relacionada aos trajetos mostrados na imagem 1, um maior número de comentários, um maior número de curtidas e um maior número de

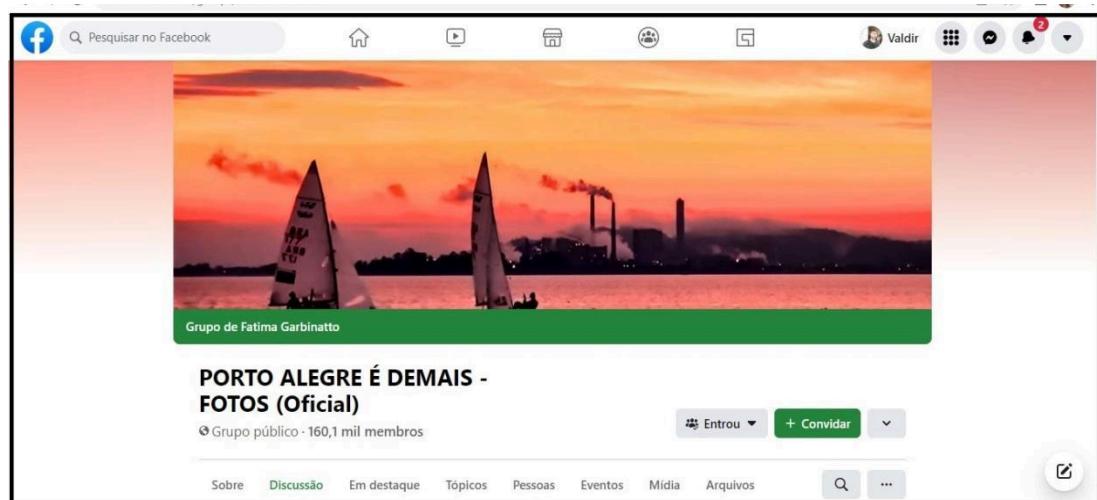
compartilhamentos. A seguir, apresentamos o grupo do Facebook objeto do estudo e as narrativas acerca das duas vias na construção dos imaginários sobre Porto Alegre.

### **“Porto Alegre é demais – fotos (oficial)”**

“Porto Alegre é demais – fotos (oficial)”<sup>8</sup> é um grupo público do Facebook que compartilha fotografias, textos, desenhos, gráficos e vídeos (Figura 2). O grupo se autodefine como:

Somos um grupo de Fotografias Amadoras e Profissionais que tem como temática a cidade de Porto Alegre. Um grupo formado por apaixonados por Porto Alegre tanto quanto apaixonados por Fotografia. Um grupo dedicado a contemplar as belezas da nossa cidade compartilhando fotografias e momentos de POA de modo a registrar a sua história (PORTO..., 2012).

Figura 2 - Porto Alegre é demais – fotos (oficial).



Fonte: Print da página no Facebook, 20 ago. 2022.

O grupo foi criado em 26 de março de 2012, é gratuito e acessível a qualquer pessoa que tenha uma conta na rede social Facebook; entretanto, é necessário ser membro do grupo para publicar as fotografias sobre a cidade. As postagens publicadas são visíveis para qualquer pessoa e qualquer pessoa pode ver quem participa do grupo.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/184241391692326>.

A gestão do grupo é realizada por duas administradoras e dois moderadores. Além deles, há seis “especialistas do grupo”, sendo pessoas que possuem muito conhecimento sobre o tema do grupo e foram convidadas pelos administradores para auxiliá-los a responder as perguntas ou questões direcionadas ao grupo.

Para publicar as postagens e fotografias sobre a cidade, existem regras expressas dos administradores para os membros do grupo:

- a) é obrigatória uma “legenda com a identificação do local ou objeto de registro (ex: Bairro centro, Monumento aos Açorianos, Estátua Elis Regina, Praça XV, Rio Guaíba, etc.”;
- b) são proibidos os usos de *hashtags*, *links* e marcações nas publicações;
- c) é preciso “[...] dar os DEVIDOS CRÉDITOS ao fotógrafo e informar a fonte da fotografia, caso não seja sua” e não é permitido fazer postagens sem fotos;
- d) é preciso respeitar a temática do grupo, são proibidas “[...] fotos que fujam do tema do grupo. Ex: selfies, fotos que identifiquem pessoas, animais, casas, céu, nuvens, árvores, paisagens de difícil reconhecimento da cidade, etc.”;
- e) o grupo é apolítico e laico;
- f) é proibido publicar mais de uma foto ao mesmo tempo e são permitidas 5 fotos por dia;
- g) não são permitidas publicações como reportagens, vídeos, canais, fotos de publicações de outros locais como outras páginas ou grupos e *links* para redirecionamento (PORTO..., 2012).

Sobre os comportamentos do grupo, há regras sobre o respeito dentro do espaço, enfatizando que são “[...] contra qualquer espécie de preconceito ficando sujeito ao banimento todo e qualquer membro que reproduzir frases ou ofensas racistas, LGBTQfóbicas, gordofóbicas, machistas, etc...”. Discursos de ódio, xingamentos e qualquer tipo de ofensas também não devem ser legitimadas no grupo. Propagandas e comércio também são proibidos. Por fim, é proibido “politicagem” e todo e qualquer tipo de conteúdo político em publicações e comentários (PORTO..., 2012).

Por fim, há nas regras uma parte de agradecimentos e contato: “Nossos moderadores estão à disposição, qualquer dúvida basta chamar *inbox*. Convide seus

amigos, curta, comente, compartilhe. Vamos interagir e celebrar nossa maravilhosa Capital Riograndense!" (PORTO..., 2012). Segundo informações atualizadas em 14 de setembro de 2025, o grupo possui 313,8 mil membros.

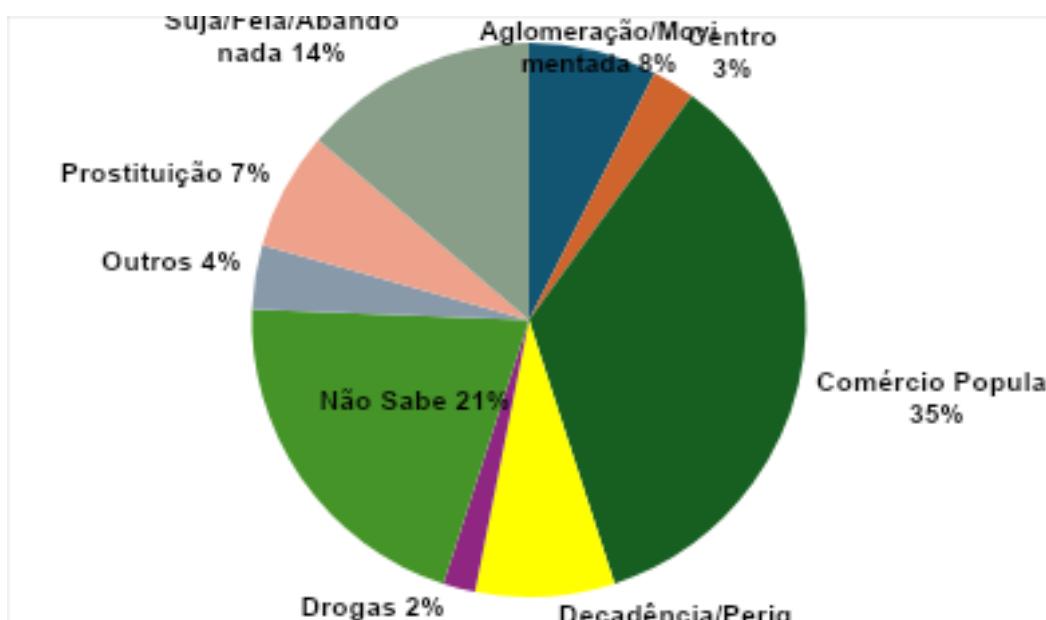
### **As Narrativas sobre a Rua Voluntários da Pátria na Construção dos Imaginários sobre Porto Alegre**

Com mais de cinco quilômetros de extensão, a Rua Voluntários da Pátria atravessa cinco bairros diferentes da cidade, sendo eles: Centro Histórico, Floresta, São Geraldo, Navegantes e Farrapos. Tem seu início na Rua Marechal Floriano Peixoto, ao lado do Mercado Público, e termina na Rua Ricardo Seibel de Freitas Lima - próximo do estádio Arena do Grêmio. Foi fundada em 1806 com a denominação de "Caminho Novo", mas somente em 1870 foi batizada de Voluntários da Pátria, em homenagem aos voluntários que lutaram na Guerra do Paraguai. Ela foi uma das primeiras vias públicas planejadas de Porto Alegre (SILVA, 2022).

Atualmente, a Voluntários da Pátria, conhecida popularmente como "Volunta", é uma das mais movimentadas do centro de Porto Alegre. Caracteriza-se por ser uma via onde se localiza o comércio popular da cidade. Nela se localiza o Pop Center, denominado informalmente como "Camelódromo", onde são comercializados produtos locais e "importados", provenientes do Paraguai. No seu entorno se concentram muitos ambulantes, que dinamizam a economia informal, comercializando diversos produtos a preços populares.

Na pesquisa realizada, foi perguntado com que imagem ou palavra identificava a Rua Voluntários da Pátria: 35% a identificaram com o comércio popular, sendo que 13,8% dos participantes responderam "suja/feia/abandonada". Os qualificativos "decadência/perigosa", "aglomeração/movimentada" e "prostituição" somaram 8,1%, 7,5% e 6,9%, respectivamente, conforme pode ser observado no Gráfico 2.

Gráfico 2 - Imagem ou palavra identificadora da Rua Voluntários da Pátria.



Fonte: dados da pesquisa.

Corroborando estas qualificações, quando perguntado em que medida o participante gosta da via, numa escala de 1 a 5, onde 1 (um) é “nada” e 5 (cinco) “muito”, 52 dos 160 participantes responderam “nada” e 10 “muito”, sendo que as notas 2 (dois), 3 (três) e 4 (quatro) obtiveram 41, 27 e 22 respostas, respectivamente. Assim, 93 dos 160 atribuíram notas 1 ou 2, o que equivale a 58% dos respondentes, dado bastante expressivo.

Após a apresentação destas informações oficiais e os dados da pesquisa, passamos a analisar as narrativas sobre a via na rede social Facebook. Na busca realizada pelo nome da rua no grupo “Porto Alegre é Demais – Fotos (Oficial)”, encontramos várias fotografias (antigas e recentes) sobre a Rua Voluntários da Pátria. A mais recorrente é a que aparece o prédio conhecido como “Atacado do Nestor”, localizado na esquina desta rua com a Rua Pinto Bandeira, no Centro Histórico. A fotografia reproduzida na Figura 3 obteve 774 curtidas, 50 comentários e 120 compartilhamentos. Se for somado o número de curtidas das demais fotos em que aparece o referido prédio, elas ultrapassam 2000 curtidas. O prédio é considerado um símbolo da avenida.

Figura 3 - Prédio da Empresa Atacado do Nestor.



Fonte: MARTINS, Maria Da Graça, 29 mar. 2022. Facebook: Porto Alegre é Demais – Fotos (Oficial).

As pessoas se manifestam nas postagens do grupo de diferentes modos, tecendo elogios às fotografias e seus enquadramentos, usando expressões como: “bela foto”, “lindíssima”, “linda foto”, “baita foto”, “foto maravilhosa”, “é muito bonito”, “que maravilha” ou postando *memes*, *emojis* em formato de coração, flores, mãos batendo palmas entre outras formas, que demonstram o sentimento de afeto com o prédio e/ou com a fotografia.

A partir da análise das postagens das fotografias e dos comentários sobre a cidade divulgadas no grupo, foi possível identificar três ancoragens das representações sobre a rua Voluntários da Pátria ao qual ela está associada no imaginário social.

A primeira delas está associada à sua localização, bairro Centro Histórico de Porto Alegre. Nesse bairro se localizam muitos monumentos e prédios históricos, dos

quais muitos são tombados, pois são patrimônio cultural da cidade. Disso decorrem várias das representações acerca dos espaços da cidade e a importância da sua preservação. As narrativas sobre o lugar se expressam de diversas maneiras:

Os prédios históricos são lindos, pena que estão mal preservados [...] passamos tão rápido que nem olhamos os tesouros da nossa cidade [...] Imagino como era linda está Rua antigamente. Tem prédios incríveis, fora os que se foram [...] Por muitos anos a arquitetura e prédios históricos foram abandonados... [...] Lastimável! [...] NINGUÉM SE IMPORTA, NINGUÉM RESTAURA. [...] Arquitetura maravilhosa da época, na Europa estaria preservada. Porto Alegre poderia ser mais belo, tem, ou já teve potencial pra atrair divisas, arrecadaria com turismo [...], [...] Não valorizavam a memória Arquitetônica da Cidade.... Uma Ignorância e falta de Valorização da Memória da Cidade [...] Prédio lindo! Descaracterizado pelas placas e lojinhas! Tomara que seja preservado. Embeleza a cidade! (COMENTÁRIOS, 2022b).

Em seguida, alguém assim respondeu: “Casas Lindas, tem em Petropolis, Vila Assuncao, Vila Conceição, Ipanema, Guarujá (*sic*)”, referindo-se aos bairros mais nobres e distantes do centro da cidade.

A segunda ancoragem das representações sobre a avenida e seu entorno remete às lembranças como um espaço degradado, associado ao esquecimento do poder público. Nas narrativas, a degradação do espaço da cidade é ambiental e social. Juntas, elas aparecem nos seguintes comentários:

Na foto não aparece, mas o que distorce a beleza dos edifícios são a sujeira, a mendicância, os assaltos e a bandidagem que fica nos bares da rua próxima onde é o fim da linha dos ônibus de Guaíba [...] Pena não ser assim. Lixo nas ruas, lixo em volta dos containers revirados por catadores e seus respectivos compradores, perto do centro, e sem fiscalização alguma. Pena ser um centro imundo e repugnante (COMENTÁRIOS, 2022b).

E outro completou: “Tem tanto casarão lindo na Volunta! Não sei pq virou rua de meretrício” e como respostas: “Virou Não! Sempre Foi!”, “Local de gente trabalhadora!”, “Uma pena ser dominado por meliantes e meretrizes... drogados por toda parte.” E assim se percebe o lamento: “Quando volto para visitar não consigo ficar mais um dia nessa Porto Triste” (COMENTÁRIOS, 2022b).

A terceira ancoragem está relacionada às nossas representações em relação aos outros. Isto é, como nos imaginamos e como nos representamos a partir de outras cidades ou pessoas semelhantes ou diferentes de nós. Alguns comentários dos membros do grupo a respeito do lugar remetem ao imaginário da cidade com outro

continente e outras cidades, como se observa nas seguintes narrativas: “Linda foto 🍍

🟡🟡 até parece que é na Europa. 🤘😍🇧🇷”, “olhando rapidamente parecia Europa ahahah”, “Um dia fomos parecidos com Montevideo.”, “Parece Montevidéu” (COMENTÁRIOS, 2022b). Entretanto, a poucos metros dali (prédio acima), após o viaduto da Conceição, a avenida segue paralela à Avenida Farrapos, as imagens e os comentários são outros:

[...] este lado da cidade precisa de cuidado e amor [...] parece as ruas de Cuba [...] Parece foto de Cuba. Cidade exemplo de socialismo. Ahahah [...] Parece Cuba de tão destruída [...] Tá pior que Cuba. [...] Afeganistão [...] Esta rua era mal falada. Cada história que contavam. [...] Essa parte de Porto Alegre infelizmente tão abandonada, como se o tempo estivesse parado, me lembra cuba... [...] Parece foto. [E logo vem a resposta de outro membro:] a mim, lembra o Haiti [...] E as chinocas continuam por ali, quando eu chegava do interior passava por ali... muitas meninas se prostituindo. [...] Lembro quando eu era menina, passava com meu pai correndo, pelas moças de botas longas e saias curta recostadas nesse local [...] Uma das áreas mais degradadas da cidade! [...] verdadeiro lixão a céu aberto. [...] vai ser uma Cracolândia tipo São Paulo [...] Alguém sabe o que era antes, e o que é agora??? Eram residências, comércio, hotéis, pensões, prostíbulos...??? Não passo por lá! [...] Antigamente era rua de prostituição (COMENTÁRIOS, 2022b).

O imaginário da avenida é construído pelas tensões nas representações sobre a cidade. As tensões se expressam por meio das narrativas sobre ela entre o passado “glamoroso” e o presente, caracterizada pela decadência, gerada pela degradação, pelo abandono: “ultrajada”, “desmoralizada” e “esquecida”.

### **As Narrativas sobre a Avenida Farrapos na Construção dos Imaginários sobre Porto Alegre**

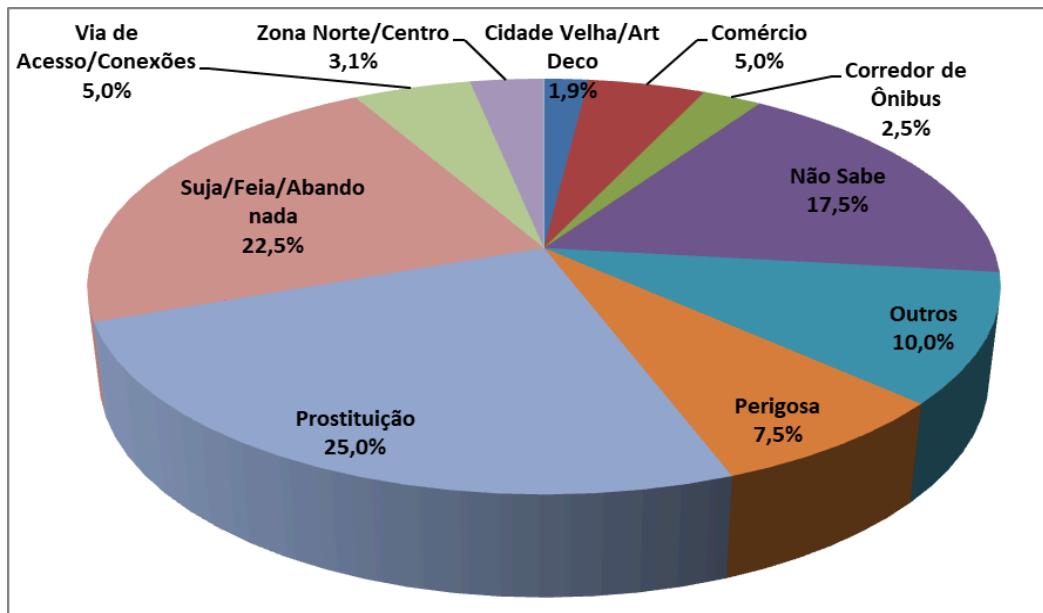
A Avenida Farrapos, inaugurada em 1940, inicia-se no Centro da cidade (Viaduto da Conceição) e vai até o Aeroporto Internacional Salgado Filho, estendendo-se por 5,5 km. Ela atravessa três bairros: Floresta, São Geraldo e Navegantes. Uma das principais radiais da cidade liga o Centro à Zona Norte e à BR-116 (AVENIDA..., 2018). Foi construída com o objetivo de dar fluidez ao tráfego e, nesta perspectiva do automóvel, rompeu diversas conexões do ponto de vista do pedestre, cortando ao meio os bairros pelos quais se estende. A implantação de um corredor de ônibus também contribuiu com este cenário de segregação física do

território, fazendo com que as habitações e as atividades desenvolvidas à leste e à oeste se desenvolvessem com dinâmicas próprias. Na Avenida prevalece a atividade comercial em edificações apenas comerciais ou em térreos de edifícios residenciais, a maioria em estilo arquitetônico Art Déco (APOLLO; SOUZA, 2021).

Preponderam na avenida, mecânicas, borracharias e postos de gasolina, além de uma concentração de templos religiosos, sendo predominantes os templos pentecostais, contrastando com as boates noturnas e as atividades de prostituição, sobretudo na porção mais próxima à Estação Rodoviária. Estas conformações fizeram com que muitos proprietários de apartamentos pertencentes à classe média se mudassem para outros bairros da cidade. Como consequência, são encontradas muitas edificações desocupadas, em péssimo estado de conservação. Estes espaços, suas atividades e as pessoas ligadas a elas conformam um território vinculado à prática de trabalho, seja em razão da coleta de resíduos e reciclagem ou das boates noturnas, de hotéis, de depósitos e dos demais estabelecimentos de comércio popular encontrados no local (APOLLO; SOUZA, 2021).

Na pesquisa realizada, foi perguntado com que imagem ou palavra identificaria a Avenida Farrapos; 40 participantes a identificaram com a prostituição, sendo que 36 participantes responderam “suja/feia/abandonada”. Quanto aos qualificativos “perigosa”, “via de acesso/conexões” e “comércio”, o primeiro foi respondido por 12 pessoas e cada um dos demais por oito participantes. Chama atenção que três participantes salientaram a arquitetura das edificações presentes na via, respondendo “cidade velha/art decò”, estilo arquitetônico que prepondera nos edifícios da década de 1940 da via, e quatro responderem “corredor de ônibus”, uma construção da década de 1970, conforme pode ser observado no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Imagem ou palavra identificadora da Avenida Farrapos.



Fonte: dados da pesquisa.

Fortalecendo estas qualificações, quando perguntado em que medida o participante gosta da via, numa escala de 1 a 5, onde 1 (um) é “nada” e 5 (cinco) é “muito”, 71 dos 160 participantes responderam “nada” e 3 (três) “muito”, sendo que as notas 2 (dois), 3 (três) e 4 (quatro) obtiveram 35, 37 e 6 (seis) respostas respectivamente. Assim, 66% atribuíram notas 1 ou 2, enquanto que apenas 5% atribuiu 4 ou 5, caracterizando um lugar pouco apreciado pelas pessoas.

Na sequência, analisamos as narrativas sobre a Avenida Farrapos na rede social Facebook, tendo presentes as informações oficiais e os dados da pesquisa apresentados. Na busca realizada pelo nome desta avenida no grupo “Porto Alegre é Demais – Fotos (Oficial)” da rede social Facebook, encontramos várias fotografias (antigas e recentes) referentes a ela. Elegemos a imagem abaixo, que obteve 1.100 curtidas, 180 comentários e 57 compartilhamentos e que se localiza no território demarcado na Figura 1.

Figura 4 - Av. Farrapos está em decadência.



Fonte: MELLO, Denise, 17 maio 2022. Facebook: Porto Alegre é Demais – Fotos (Oficial).

Há um aviso de que um dos administradores desativou alguns comentários desta publicação, possivelmente por infringirem regras do grupo. Na chamada da postagem, Denise Mello (2022) descreve:

Av Farrapos está em decadência. Era glamourooso morar nessa avenida. A poluição e a falta de manutenção dos edifícios degradam o expressivo conjunto arquitetônico art deco ao longo da avenida. Se chamava Minas Gerais e foi inaugurada em 1940 no governo de José Loureiro da Silva. Se estende por 5,5km, do Aeroporto Internacional Salgado Filho até o Túnel da Conceição, atravessando os bairros: Floresta, S Geraldo e Navegantes.

Observamos que a “cidade vista” pela autora é a interação desta com o espaço e, a partir de seu ponto de vista, narra a representação que tem sobre a Avenida, utilizando uma imagem atual e apontando a degradação da via e como no passado era atraente. Destacamos na postagem categorias dadas à Avenida que a qualificam: no presente, decadência, degradação, abandono, poluição; no passado, glamour. Para Limonad e Randolph (2001, p. 12, grifo dos autores):

São exatamente essas mudanças que influenciam, crescentemente, a convivência das pessoas no âmbito do seu cotidiano e das suas atividades diárias e rotineiras, responsáveis pela manutenção e fortalecimento de laços sociais estabelecidos tradicionalmente em vizinhanças, bairros ou no convívio mais amplo na cidade. Aqui não devemos esquecer o caráter simbólico da cidade que oferece, na forma e arranjo do seu *meio construído*, determinadas orientações cotidianas aos moradores da cidade.

Ao analisar os comentários da postagem, podemos observar que, nas representações sobre a Avenida, há uma concordância com o ponto de vista da autora da postagem quanto às qualificações do presente. Evidenciam o abandono e a degradação da via, sendo que a maioria expressa um sentimento de tristeza com esta constatação, manifestada algumas vezes por *emojis*:

Triste ver esta degradação. [...] Nos anos 80 era mais próspera q 2022 q degradação [...] Passei pela Farrapos na semana passada, realmente está toda degradada! Uma das entradas da cidade. [...] Degradada e feia. [...] É degradante e deprimente para uma pessoa caminhar pelas calçadas da avenida Farrapos. [...] hoje vendo a decadência da vontade de chorar. [...] Farrapos, Presidente Roosevelt e Voluntários são decadentes. [...] Farrapos, o nome certo, para o momento, é a decadência urbana das cidades! [...]

Realmente, uma decadência! 😢 [...] Muito triste ver a Av. Farrapos com prédios neste estado 😢 😢 😢 😢 😢 😢 . [...] Está abandonada!!! Parece aqueles lugares de filme de velho oeste abandonado!!!! É caminho para o Aeroporto e é de chorar as pichações, os prédios em abandono. [...] Que triste ver estes prédios caindo os pedaços. [...] É muito triste, mas muitos bairros estão assim.. tantas lembranças, estar a deriva é muita tristeza, eu me criei entre Navegantes e São Geraldo, me dói muito. 😢 [...] Que triste ver minha PORTO ALEGRE ASSIM !!! [...] eu também fico triste 😢 (COMENTÁRIOS, 2022a).

Porém, em relação às representações sobre passado “glamouroso” da avenida não há unanimidade, pois algumas narrativas contrapõe esta afirmativa: “Desculpa, mas quando exatamente foi glamuroso morar nas Av Farrapos? Pq tenho meio século de vida e nessa minha encarnação não foi. [...] Nunca achei glamuroso morar na Farrapos, sempre achei uma avenida decadente” (COMENTÁRIOS, 2022a). E outras contrapõem:

A postagem está muito correta. Quando foi inaugurada na década de 40 era muito moderna e atraente. [...] teve tudo de bom neste bairro há 40 anos atrás. Morei ali 30 anos... [...] A glamorosa Farrapos porta magnífica da Porto Alegre do passado, ultrajada desmoralizada esquecida do presente. [...] eu tenho 66 anos. Peguei a época boa (COMENTÁRIOS, 2022a).

Talvez, possamos inferir que alguns eixos metafóricos de construção das representações sobre a Avenida evidenciam as tensões, marcados pelas contraposições de opiniões na produção de sentido do urbano: a) dentro e fora: o olhar de quem já participou na dinâmica da avenida como moradores ou trabalhadores e outros que colocam um olhar de fora, de passagem; b) público e privado: o abandono é consequência da falta de ação do poder público ou dos proprietários e responsáveis pelas construções; c) antes e depois: a diferença geracional entre aqueles que evocam a avenida nas décadas de 1940 e 1950 e outros que o fazem a partir da década de 1970 e 1980.

A cidade, na tradição ocidental, foi projetada por uma hegemonia patriarcal que a dividiu em espaços da produção laboral e da reprodução biológica. Por conseguinte, os limites das propriedades entre o público e o privado: entre o fora, como domínio masculino, e o dentro, território imposto à mulher. Porém, a cidade não é uma construção monolítica, pois, a percepção e a experiência de seu habitante inseridas em um contexto corporal, social e cultural introduzem uma interferência dialógica que, “nas margens do oficial”, permitem a subversão dessa ordem (GUERRA, 2014).

Além do sentimento de tristeza, muitos comentários remetem a lembranças do passado sobre os usos e preferências de objetos urbanos presentes na Avenida. Também os cidadãos propõem uma intervenção urbana, de revitalização, de preservação, a fim de recuperar aquelas representações que estão relacionadas ao passado da Avenida. Percebemos que este território é marcado por uma memória afetiva da cidade, como pode ser observado nas seguintes narrativas:

Morei na Av. Farrapos esq. Av. França na década de 1970. Ainda é um edifício de apartamentos, que no térreo ficava a loja de azulejos Sulimport. Fico triste em ver a Av. Farrapos nessa situação de abandono. Mas em algumas situações tem que acionar sim os condomínios dos prédios. [...] Tenho também muita saudade da praça Pinheiro Machado, entre as ruas Av. Farrapos, Av. Brasil e Av. Presidente Roosevelt, onde joguei muito futebol de salão (futsal). [...] Me recordo bem dos tempos em que a Av. Farrapos era famosa, anos 50, 60. Eu estudava em São Leopoldo e vinha no ônibus da central até a praça Rui Barbosa, com quase uma centena de semáforos. Os prédios chamavam a atenção, o abandono é triste. [...] precisa ressurgir no futuro pois é um palco que precisa de acolhimento e restauração pois tudo se transforma e esta transformação deverá acontecer pois é uma artéria forte é vital para o desenvolvimento sócio cultural, passam por estas artérias agora na CTI. [...] Era Glamoroso... Hoje é Terrível de Ver a Entrada de Poa dessa maneira..lamentável..Zona Totalmente Desvalorizada..... [...] Dá uma pena ver isso. Trabalhei nas lojas Hering, e perto muitas lojas autopeças... boates,

aptos. [...] Amo esse lugar Exatamente esse prédio Sinto ele tá tão abandonado. [...] Mto fui nesse edifício, minha amiga de escola morava aí, e eu no edifício que ia até a Ramiro. [...] Morei na Avenida Farrapos por 17 anos num apartamento bem em frete as tintas Geovani e o corredor dos ônibus. Isso foi nos anos 80. Amo Porto Alegre, me sinto filha dessa cidade maravilhosa, hoje nem tanto infelizmente. Saudades  (COMENTÁRIOS, 2022a).

Ao narrarem suas memórias sobre o lugar, os cidadãos colocam sua percepção sobre os motivos do abandono e decadência da avenida. Alguns atribuem às intervenções urbanísticas feitas na região e outros ao descaso dos prefeitos:

Os dois últimos prefeitos só se importam com o centro histórico, o resto de Porto Alegre está totalmente abandonado. [...] É uma vergonha o que o poder público fez com estes bairros da entrada da cidade nós últimos 4 ou 5 mandatos. Foram muito incompetentes e deslechados. [...] Só existe a orla do Guaíba agora esqueçam outras localidades [...] Quando fizeram o corredor de ônibus, acabaram com a Farrapos, pois é uma Av. comercial e os inteligentes terminaram com o estacionamento e com o comércio. [...] O corredor acabou com a Farrapos. Até as boates que, contrário senso, eram problemáticas, foram embora. [...] Tudo começou em 1978 com os corredores de ônibus e sem estacionamento na farrapos. o comércio fechou e os predios ficaram abandonados. [...] A decadência da Farrapos começou com a construção dos corredores de ônibus, as ruas foram cortadas ao meio, os estacionamentos acabaram e ninguém mais queria morar no meio do cimento armado e um barulho infernal (COMENTÁRIOS, 2022a).

A prostituição e as drogas também são lembradas e associadas como fator de decadência da Avenida, trazendo como consequência, segundo as narrativas, o afastamento da classe média que morava nos edifícios da via. Eis alguns comentários a respeito:

Há 20 anos migrei para outro bairro não deu mais. Assaltos, tráfico e prostituição a céu aberto. Imaginem hoje? [...] da saudade de um tempo que a gente andava por essas ruas.... quando havia um intenso movimento do comércio, sem violência, sem prostituição,...mendicância. [...] Farrapos faz tempo que virou prostíbulo e Cracolândia. [...] A classe média foi se transferindo para outros bairros. Veio o corredor, poluição, prostituição assaltos... foram se aborrecendo, com certeza. [...] E realmente entrou em completa decadência a partir da virada dos anos 70 para os 80, com o corredor de ônibus, o esvaziamento de empresas importantes, escritórios, residências, seguida da má fama de ser zona de prostituição. A recuperação tornou-se difícil, mas não impossível. [...] a classe média que residia ali migrou para bairros com melhores ofertas de serviços e oportunidades profissionais e os imóveis passaram a ser ocupados por pessoas com poder aquisitivo menor (COMENTÁRIOS, 2022a).

Através dos comentários postados na página da rede social Facebook, percebemos que as narrativas sobre a Avenida Farrapos são construídas e

reconstruídas como um mosaico, através do qual o território é representado historicamente, fisicamente, imaterialmente e utopicamente. Testemunhamos como os cidadãos urbanos compreendem e apreendem a Farrapos, tanto através de seus objetos urbanos, como pelos componentes simbólicos produzidos nas suas experiências com o lugar e com as informações compartilhadas, gerando diferentes pontos de vista. A leitura simbólica da avenida se faz pela soma destes muitos pontos de vista, construindo uma percepção cidadã dominante: um território marcado pela depredação urbanística, pela violência e pela prostituição e suas representações.

### **Considerações finais**

Retomamos as questões aqui postas, fazendo as conexões e os entrelaçamentos entre imaginários urbanos e território. A fim de levantarmos algumas considerações, recobramos o questionamento proposto na introdução: como as vias públicas Voluntários da Pátria e Farrapos são representadas pelos porto-alegrenses? Como esses lugares públicos da cidade são imaginados pelos cidadãos? Quais narrativas sobre elas circulam no Facebook?

Os espaços vão sendo transformados em lugares à medida de sua ocupação, apropriação ou de seu significado social, ou seja, de acordo com os significados culturais, fazendo com que cada cidade possua lugares que a caracterizam. A pesquisa “Porto Alegre Imaginada Digital” nos mostrou que a Avenida Farrapos e a Rua Voluntários da Pátria e seus entornos fazem parte das representações sociais da cidade de Porto Alegre. Estão presentes no imaginário da cidade, marcando um território valorado por percepções negativas que afetam as narrativas construídas sobre o cotidiano da urbe, como observamos pela análise das imagens e comentários postados no grupo do Facebook “Porto Alegre é Demais – Fotos (Oficial)”.

As fotografias postadas e os comentários escritos pelos participantes do grupo no Facebook formam uma narrativa baseada nas lembranças sobre os lugares da cidade. Ela é fruto das vivências cotidianas de alguém que morou, trabalhou ou circulou próximo ao local do enquadramento da fotografia. Assim, as narrativas sobre os locais da cidade e seus entornos são responsáveis pela ativação das nossas memórias sobre os lugares. Delas, emergem as representações sobre eles,

possibilitando que as nossas recordações se atualizem e a cidade se movimente em nosso imaginário.

O imaginário urbano vinculado às vias públicas, Voluntários da Pátria e Farrapos e seus entornos, é construído pelas tensões nas representações sobre elas, que se expressam por meio das narrativas pelo seu passado “glamouroso”, pela beleza arquitetônica dos “casarões”, dos “palácios” e dos “salões” antigos, considerados por muitos como “relíquias”, “tesouros” e o “legado” para as futuras gerações. Entretanto, no presente, pelo descaso em relação à preservação do patrimônio cultural da cidade, esses espaços são caracterizados pela decadência, gerada pela degradação, pelo abandono e pelo esquecimento. No imaginário social, esses espaços da cidade são depreciados e representados de forma negativa, como lugares violentos, de tráfico de drogas e de prostituição.

O estudo mostra que as representações sobre as duas vias públicas marcam o espaço urbano com caracterizações vinculadas à sujeira, ao perigo, à violência e ao medo e estão associados à prostituição e a ambientes decadentes, degradados, sujos e perigosos. Estas narrativas sobre a cidade se tornam mais complexas quando se considera que são produzidas e entrecruzadas pelas relações de classe, de raça/etnia, de geração etc. Assim, o presente artigo nos instiga à reflexão sobre as representações dos territórios da cidade e como são construídos os imaginários urbanos em um processo múltiplo e multiplicador.

### Referências bibliográficas

APOLLO, Luiz Henrique; SOUZA, Vitoria Gonzatti de. Formação heterogênea da paisagem e experiências urbanas no bairro Floresta, Porto Alegre/RS. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 23, n. 52, p. 1213-1236, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2021-5216>. Acesso em: 17 ago. 2022.

AVENIDA Farrapos, um símbolo de degradação e abandono da Capital... **GZH** [Zero Hora Digital], Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/amp/2018/08/avenida-farrapos-um-simbolo-de-degradacao-e-abandono-da-capital-cjkd3stzd007l01mu1cdjmgv7.html>. Acesso em: 17 ago. 2022.

COMENTÁRIOS. *In:* MELLO, Denise. Av Farrapos está em decadência... Porto Alegre. Facebook: Porto Alegre é Demais – Fotos (Oficial), 2022a.

COMENTÁRIOS. *In:* MARTINS, Maria da Graça. Bom dia! Porto Alegre 250 anos... Porto Alegre. Facebook: Porto Alegre é Demais – Fotos (Oficial), 2022b. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/photo?fbid=5016395895106436&set=gm.492550041089971>  
0. Acesso em: 13 ago. 2022.

LIMONAD, Ester; RANDALH, Rainer. Cidade e lugar: sua representação e apropriação ideológica. **R.B. Estudos urbanos e regionais**, Recife, n. 5, p. 9-22, 2022.

MARTINS, Maria da Graça. Bom dia! Porto Alegre 250 anos... 29 mar. 2022. Facebook: Porto Alegre é Demais – Fotos (Oficial), 2022. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/photo?fbid=5016395895106436&set=gm.492550041089971>  
0. Acesso em: 13 ago. 2022.

MELLO, Denise. Av Farrapos está em decadência... Facebook: Porto Alegre é Demais – Fotos (Oficial), 2022. Disponível em:  
<https://www.facebook.com/photo?fbid=2798462203632558&set=gm.505558668122441>  
5. Acesso em: 15 ago. 2022.

OBSERVATÓRIO DA CIDADE DE PORTO ALEGRE. **A cidade de Porto Alegre**. Disponível em: ObservaPOA, 2022. Acesso em: 17 ago. 2022.

OLIVEIRA, Lizete Dias de. Porto Alegre e seus reflexos: a cidade imaginada e a cidade oficial. **Em Questão**, Porto Alegre, v.16, n. especial, p. 17-28, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/16509>. Acesso em: 13 ago. 2022.

PORTO Alegre é demais - fotos (oficial): Sobre. Página do Facebook ,grupo criado por Fátima Garbinatto. Disponível em PORTO ALEGRE É DEMAIS - FOTOS (Oficial). (facebook.com), 2022. Acesso em: 26 jul. 2022.

PORTO ALEGRE. Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Turismo. **Histórico da cidade**, [202?]. Disponível em: Turismo (portoalegre.rs.gov.br). Acesso em: 17 ago. 2022.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2002.

SILVA, Armando. **Imaginarios urbanos. Bogota y Sao Paolo**: cultura y comunicación urbana en América Latina. Bogotá. Tercer Mundo Editores. 1992.

SILVA, Armando. Imaginários urbanos. São Paulo: Perspectiva; Bogotá, Colômbia: Convênio Andes Bello, 2001.

SILVA, Armando. **Imaginarios urbanos**: hacia la construcción de un urbanismo ciudadano: metodología. Bogotá: Convenio Andrés Bello, Universidad Nacional de la Colombia, 2004.

SILVA, Armando. “Centros imaginados de América Latina”. *In:* LINDÓN, Alicia; AGUILAR, Miguel Ángel; HIERNAUX, Daniel (coords.). Lugares e imaginarios en la

metrópolis. **Cuadernos A. Temas de Innovación Social**, Barcelona. Ed. Anthropos y UAM-Iztapalapa, 2006. p. 43-66.

SILVA, Armando. Territorios y lugares imaginados. **Topofilia: Revista Científica de Arquitectura, Urbanismo y Territorios**, Puebla, Colômbia, n. 19, p. 1-19, 2019. Disponível em: <http://69.164.202.149/topofilia/index.php/topofilia/article/view/50>. Acesso em: 4 ago. 2022.

SILVA, Camila Braz da. Seguir as águas pelas bordas, abrir um caminho novo: as transformações urbanas e as mudanças na paisagem da Rua Voluntários da Pátria em Porto Alegre a partir do século XIX. **Revista Conhecimento Online**, [S. l.], v. 1, p. 46-66, 2022. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/290>. Acesso em: 3 out. 2022.